

NEGAÇÃO, ATRAVESSAMENTO E LEGÊNCIA: VIAS DA (DES)CONSTRUÇÃO DO TEXTO EM MARIA GABRIELA LLANSOL

Suelen Cristina Gomes da Silva¹

RESUMO

São inúmeros os trabalhos que identificam na escrita de Maria Gabriela Llansol (1931-2008) elementos que ressaltam a fuga da impostura da língua proposta pela autora e questionam os limites do literário, atentos, principalmente, às construções metalinguísticas afirmativas de uma outra postura em relação à experiência literária. Este, por sua vez, propõe uma reflexão sobre a potência do não: a negação como elemento estratégico na (des) construção do texto e do paradigma dos gêneros em sua escrita. Tanto em suas variadas *Entrevistas* (2011) quanto nos livros que compõem seu projeto literário - como o “livro de fragmentos” que é *Onde vais, drama-poesia?* (2000), segundo Llansol em registros de seu espólio - a autora imprime uma contestação que reverbera em desestabilização da própria estrutura do texto, do leitor e da leitura (transfigurados em legente e legência). Desse modo, a fuga da norma produz a fuga da forma; e o texto a que temos acesso pode ser uma paisagem repleta de pluralidades e dissonâncias. Um texto que, embora constituído de incontáveis presentes, se lança ao devir de uma certa futuração como a própria categoria das “figuras” na autora, sendo, portanto, os legentes também figuras em devir. Para que os legentes desenvolvam a experiência de “ascender” esse texto em seu futuro, torna-se necessário ultrapassar a parada ou ruptura causada pela negação, o que, como postulavam os sofistas, tem a ver com o “atravessar as palavras” de que trata Paul Zumthor (2018) e estar em um corpo a corpo com a linguagem. Pensamos, dessarte, que o ato de negar não paralisa; pelo contrário, pode ser um mo-

¹ Licenciada em Letras (UFF), Mestre em Estudos de Literatura e doutoranda em Literatura Comparada (UFF); bolsista CAPES, suelencristina@id.uff.br;

tivo para fazer algo, nas palavras de Wittgenstein (2017). E, no jogo com a construção imagético-textual e acional, podemos observar na escrevente uma postura orientada para a quebra de fronteiras, como denomina Maria Etelvina Santos (2014), e de ruptura com as linearidades.

Palavras-chave: Negação, Leitura, Texto, Literatura portuguesa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um início de caminho reflexivo para um projeto de pesquisa de doutorado, que conta com um corpus de análise maior e com a chave da literatura comparada. Entretanto, analisamos a obra de Maria Gabriela Llansol desde o mestrado, culminando em uma dissertação defendida no início de 2021. Muitos são os modos de se entrar na textualidade llansoliana e, nesta reflexão, intentamos compreender as vias da (des)construção do texto a partir de algumas negações da autora - que se coadunam a afirmações a respeito da natureza de sua escrita -, de alguns atravessamentos do texto e da referenciação à figura do legente. Nosso objetivo é, então, analisar como a (des)construção do texto em Llansol pode ser observada a partir de suas negações, dos percursos de atravessamento que o texto opera e da proposta de legência que está em questão.

A análise perpassa por diferentes textos de Llansol: tanto os que carregam uma espécie de testemunho na voz da autora, como entrevistas e cartas - uma direcionada ao legente, outra a Eduardo Prado Coelho - quanto aqueles nos quais a escrevente deixa seu registro de projeto literário pelas vias do fulgor - como acontece com *Onde vais, drama-poesia?*. Embora se façam presentes outros textos da autora, a abordagem tende a privilegiar o livro interrogativo por compreendermos seu espaço de escrita enquanto local de expressiva hibridização do texto e de questionamento sobre o processo mesmo da escrita. Este foi também o livro sobre o qual desenvolvemos, de modo mais aprofundando, as reflexões presentes em nossa dissertação de mestrado.

METODOLOGIA

Para o percurso de análise, consideramos de maneira principal o livro *Onde vais, drama-poesia?* e o livro *Entrevistas* para pensar a forma como a autora refuta algumas afirmações sobre sua obra. Tendo como ponto de partida algumas negações nessas duas perspectivas de escrita - uma que dá voz às diferentes figuras do texto e outra que revela uma voz mais autoral -, intentamos pensar sobre como são delineados os percursos de atravessamento que o texto opera e como está em questão a proposta de legência. Assim, em um primeiro momento, observamos como as negações autorais se projetam no texto enquanto busca de uma outra relação com a escrita.

Maria Etelvina Santos afirma que a língua sem impostura se faz presente na obra de Llansol desde *O livro das comunidades* “como uma busca permanente” e, ainda segundo a autora, “parece materializar-se através de processos de visualização e intensidade. Se aprendermos a ler *na* língua sem impostura, seguiremos a imagem que nela fala, no seu percurso de trans-figuração, a caminho do corpo vivo da linguagem, da ‘parte lenhosa da língua’” (SANTOS, 2014, p. 127). O ato de ler “na” língua pode ser entendido como o resultado de um processo de imersão e desprendimento em direção à língua sem impostura, ao texto que se faz pelos caminhos que abre.

Em um segundo momento, tentamos compreender alguns atravessamentos da escrita llansoliana, observando vias da (des)construção do texto e do paradigma dos gêneros em *Onde vais, drama-poesia?*, livro cuja estrutura pode ser percebida a partir de sua abertura para diferentes formas de escrita, com um texto híbrido. Por último, refletimos a respeito da proposta llansoliana das figuras, dando ênfase à figura do legente e da mobilização empreendida pelo texto para a legência. Toda a reflexão é conduzida de forma bibliográfica, a partir da análise do texto literário em diálogo com teorias relacionadas à área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Onde vais, drama-poesia? pode ser considerado, desde uma primeira apreciação a partir do título, um livro questionador. Um livro que não começa por afirmar algo estático ou uma previsão de começo, meio e fim. Pelo contrário, pontua um deslocamento, a qualidade de uma passagem, um caminho em processo de ser percorrido. A interrogação inicial desloca-se por seu interior, colocando em suspenso e outras vezes em negação algumas certezas a respeito do processo da escrita. Para Iser (1999, p. 107), “existe um outro lugar sistêmico onde texto e leitor convergem; tal lugar é marcado por diversos tipos de negação, que surgem no decorrer da leitura”. Desse modo, nas negações, é possível que se configurem espaços de interação entre texto e leitor, movimento amplamente desenvolvido pela textualidade llansoliana. Ainda segundo as considerações do autor, os lugares vazios “abrem uma multiplicidade de possibilidades, de modo que a combinação dos esquemas textuais se torna uma decisão seletiva por parte do leitor” (ibidem, p.128).

Em uma das passagens da seção VI de OVDP, intitulada “O poder de decisão”, há uma sequência de diálogos entre a voz narradora, Infausta

(depois metamorfoseada em um “visitante”) e Anna Magdalena. As duas últimas estão às voltas de uma mesa, entre uma chávena de chá e um copo de água, quando uma outra figura “chega” à cena de escrita - aparentemente a própria narradora. Segue-se o encontro e, mais à frente, a figura da narradora-escrevente é interpelada por um “visitante” jornalista, com a seguinte questão: “*parece-me que as suas figuras são puras projecções do imaginário. Não será assim?*” (LLANSOL, 2000, p. 198). Desse modo finaliza-se a microssecção, ao passo que a próxima inicia-se por uma resposta: “Não, não é, de facto, assim. [...] As minhas paisagens são sempre feitas de sensibilidade, e o visitante queria inclinar-me para a razão que delimita e nada explica, sem nada nos dar em troca” (ibidem, p. 199). Respondendo no texto como quem responde a uma pergunta na ocasião de entrevista, a figura narradora tem uma atitude semelhante à da autora Maria Gabriela Llansol em algumas ocasiões da vida (aquela fora dos livros), ao formular respostas sobre questões relativas a seu processo de escrita. Se considerarmos as figuras como paisagens, teremos mais uma chave de leitura das figuras enquanto possibilidades de trânsito e mudança (dentro de muitas outras possíveis que reafirmam seu aspecto mutável).

No livro *Entrevistas*, podemos ver uma série de afirmativas e refutações da autora com relação a sua escrita, estas últimas principalmente relacionadas às tentativas de categorização de sua obra: “Disse que eu escrevia livros de ficção. Eu não os encaro como tal [...] eu acho que essa escrita não é ficção” (LLANSOL, 2011, p. 53-54). Sua escrita não ser ficção é uma afirmação recorrente em seus livros, onde temos acesso a outras experiências de relação com o texto. A partir dessas entrevistas, podemos ter a percepção de que os pontos de diferenciação da experiência a que temos acesso no texto impresso em livro estão intimamente ligados a uma relação que tenta se lançar constantemente a outros movimentos de criação literária, desde o pensar e o sentir da autora. Ela declara: “Eu não faço separações. Para ser real e para dizer realmente como eu apreendo - apreendo estando lá. Eu acho que sinto, vejo, penso, tudo é simultâneo” (idem, p. 59).

Ao negar o gênero e uma forma específica e fixa, uma de suas afirmações pode ser a da resistência do texto. A negação, por sua vez, pode produzir o efeito de uma parada, uma ruptura no fluxo da leitura a qual o legente precisa atravessar, aproximando-se do que propunha a retórica da Antiguidade, “herdeira dos sofistas”, como aponta Paul Zumthor:

ensinava, à sua maneira, que para ir ao sentido de um discurso, [...] era preciso atravessar as palavras; mas que as palavras resistem, elas têm uma espessura, sua existência densa exige, para que elas sejam compreendidas, uma intervenção corporal, sob a forma de uma operação vocal: seja aquela da voz percebida, pronunciada e ouvida ou de uma voz inaudível, de uma articulação interiorizada (ZUMTHOR, 2018, p. 70-71).

O texto llansoliano, provavelmente desde seu início de criação, possui uma série de particularidades que podem ser provenientes dessa consciência da “existência densa” das palavras de que trata Zumthor. A própria ação de negar algumas possibilidades pré-estabelecidas à feitura e compreensão de seu texto, seja através dos livros nos quais a autora desenvolve seu projeto de escrita, seja através de depoimentos e entrevistas, devolve às palavras e ao texto certa autonomia. Segundo Wittgenstein (2017, p. 197), “Palavras são também atos” e, para o autor, “O signo da negação é um motivo para fazer algo [...]. É como se o signo da negação nos provocasse a algo” (ibidem, p. 198). Se nos provoca a buscar soluções para a negação ou aceitá-la, o texto permanece a ativar vias de reflexão em seus leitores, criar uma certa consciência dos atos das palavras.

Com seu projeto de escrita, Llansol parece promover uma permanente quebra da “quarta parede” formulada por Bertolt Brecht, rompendo com o pensamento descrito por Jean-Paul Sartre (2004, p. 18) em *Que é a literatura?*, segundo o qual “A prosa é utilitária por essência; eu definiria de bom grado o prosador como um homem que *se serve* das palavras. [...] A arte da prosa se exerce sobre o discurso, sua matéria é naturalmente significante”. As palavras como “designações de objetos” é uma perspectiva que se vê dissolvida por entre o texto llansoliano, que transita entre a prosa e a escrita poética como uma abertura de curso. Além disso, a autora desenvolve uma escrita orientada menos para o utilitário do que para o devir. Nesse movimento de negar (a ficção, a metáfora, a relação de significação), nega-se a própria regra da estrutura do texto no gênero e podemos ter acesso a uma postura de escrita “que se orienta pela quebra de fronteiras” (SANTOS, 2014, p. 103).

Em *Onde vais, drama-poesia?*, a experiência do texto é amplificada e diversificada a tal ponto que encontramos passagens mais afins à prosa, à narrativa, outras à poesia, umas elaborando o lugar de fulgor e criando encontros entre figuras, outras refletindo metalinguisticamente sobre o processo da escrita. Por entre as diversas seções em que é dividido ou fragmentado, encontramos uma série de “Oferendas” que consistem em

poemas em oferecimento às figuras que habitam e criam no texto, como Aossê e Holderlin, por exemplo. Caminhando pela prosa e pela poesia, OVDP se mostra um “livro de fragmentos”, de acordo com a própria autora em registros de seu espólio (LLANSOL *apud* FENATI, 2014, p. 341). No livro, a voz da figura narradora, em um dos momentos de reflexão sobre a constituição do texto, afirma o caráter de montagem intrínseco a ele:

Eu vou vendo o que o texto quer dizer, alterando a ordem cronológica das folhas, por vezes, escritas com muitos anos de diferença, relacionando e desrelacionando extractos e fragmentos, tentando perceber os seus diversos tons de voz porque o texto não tem uma maneira única de se dizer, está todo escrito, mas precisa ser montado (LLANSOL, 2000, p. 265-266).

Procedimento semelhante é empreendido pelo leitor ao acessar seu interior: por vezes é necessário reorganizar o texto, reordenar, “pular”, avançar e voltar páginas em busca dos fios elaborados pelo texto. Desse modo, a fuga das normas produz a fuga de uma forma fixa; e o texto a que temos acesso pode ser uma paisagem repleta de pluralidades e dissonâncias. Um texto que, embora constituído de incontáveis presentes, se lança ao devir de uma certa futuração como a própria categoria das “figuras” de Llansol. Para a autora, “Antes de mais é uma forma de escrita, uma espécie de literatura não ficcional. [...] O texto que descobri e pratico ‘cria’ seres futuros” (LLANSOL, 2000, p. 197-198). As figuras, diferentemente da concepção mais delimitada das personagens, são esses seres futuros, também eles abertos ao devir do texto. De acordo com João Barrento (2009, p. 122), “A figura ou esse ‘vórtice’ da cena fulgor, está disponível para se ‘adensar’ por acção do leitor em devir de legente”. Para Llansol, as figuras, mesmo quando são “pessoas históricas do passado”, “vêm do futuro” (LLANSOL, 2000, p. 201), do “futuro do texto” (ibidem, p. 204). O legente, um devir do leitor, segundo o que organiza Barrento, também é uma das figuras do texto, logo, também ele possui uma espécie de futuração. E, povoada por esses entes do futuro, a escrita se lança e parece propor “Um outro chamamento --- o do texto. E este não pode ter descendentes,/ Porque todos os seus legentes o ascendem” (LLANSOL, 2003, p. 10).

A essa futuração liga-se a expressão da figura narradora de OVDP, que afirma: “O que faria a mulher? Eu, esta? Era sempre *a rapariga que temia a impostura da língua*, experiente e inexperiente, pouco sabendo

no novo que emerge,/ inesperadamente, excepto que, sem ele, morreria” (LLANSOL, 2000, p. 73). Por entre um jogo de vozes que embaralha as cartas do que poderíamos pensar como personagens ou narradora, as figuras mostram-se constantemente em construção e/ou desvelamento, sem ponto fixo, ao passo que a mulher pode ser “eu” ou “esta”: primeira ou terceira pessoa, a que fala ou a de quem se fala. A figura escrevente, que dá a ver seu percurso de escrita, espelha-se como “experiente e inexperiente”, tal como a rapariga e, mesmo que o “novo” caracterize-se por um não saber, ela precisa dele. O próprio texto é lançado ao devir, e podemos pensar seu movimento como o de ir em direção ao futuro, uma vez que “A escrita é o que a figura vê, é o que fica depositado nos que a lêem - a nostalgia inexpugnável dos seres que estão por vir” (ibidem, p. 201).

De certo modo, o leitor também vai percebendo pelo caminho que precisa desse “novo” ou que precisa mergulhar nesse “novo” sempre pulsante para o qual se lança a escrita. O texto não é uma descrição registrada para que o leitor venha a acessá-la superficialmente enquanto um fim. Pelo contrário, é inacabado, é o fragmento completo, a imagem rasgada: - “o texto não descreve o que existo/ *rasga a imagem que trago diante de mim*” (LLANSOL, 2000, p. 291). Voltando ao legente, podemos compreender um salto de diferenciação entre ele e o leitor. A este é feito um reiterado convite para participar da comunidade futurante do texto, perder-se de si e da solidez da significação. O legente é mais uma das diversas figuras que povoam o texto llansoliano e, de acordo com João Barrento (2009, p. 123), “As figuras, assim con-figuradas permitem a des-hierarquização e a textualidade: são fontes de criação de pólos de energia de onde nasce o ritmo, a vibração”.

Em sua carta a Eduardo Prado Coelho², escrita aos 25 de novembro de 1999, Llansol, em meio a reflexões a respeito de sua relação de afastamento e seu trajeto “pela floresta de enganos da literatura”, afirma: “Desde sempre me tenho norteado pelo princípio do que o texto precisa de encontrar, não o leitor abstracto, mas o leitor real, aquele a que, mais tarde, acabei por chamar legente – que não o tome nem por ficção, nem por verdade, mas por caminho transitável”. O corpo do legente llansoliano, por sua vez, é também o “caminho transitável”, por onde o texto pode atravessar. Do mesmo modo podemos considerar o próprio texto,

² Link disponível nas referências.

em função do qual a autora nega sua categorização como ficção ou verdade, a compreender e desenvolvê-lo enquanto “caminho transitável”.

Permanecendo no universo das nomeadamente cartas, em “Carta ao legente”³, Llansol afirma que o legente, aquele “que se estende”, é “Alguém que colhe a flor que falta para que se acalme a minha perturbação pessoal,/ alguém que colhe o tom de cada um dos títulos que escrevi,/ alguém que traga o ramo que/ fiz da minha vida”. O legente é apresentado como figura importante para a construção não apenas dos sentidos do texto, mas principalmente de seu fluxo e continuidade. Além de colher a flor ou o tom, o legente pode colher os silêncios e pausas construídas nas lacunas do texto, os lugares vazios. E, segundo Wolfgang Iser (1999, p. 107), os lugares vazios “fazem com que o leitor aja dentro do texto”. O que nos remete a uma passagem, pertencente às primeiras páginas de *Onde vais, drama-poesia?*, na qual a página do livro torna-se superfície para o encontro dos rostos: do texto e do legente. E desenvolve-se o fio do texto em direção a uma fusão - tanto dos corpos envolvidos, quanto aquela que produz o fluxo da água.

e abri a porta que dava para o teu rosto legente.

Não disse nada, a ouvir nos teus olhos
o som da rua que entrava pelas janelas.

Sentei-me nos lugares dispersos do teu silêncio, e esperei por ele __ uniu-se a mim como o oxigênio e o hidrogênio se unem em forma de água, numa união tão rara, imponderável e banal como os nossos corpos unidos a ler __ (LLANSOL, 2000, p. 9).

A união “tão rara” é já uma das possibilidades da textualidade, porém, mais à frente, ainda em OVDP, a autora elenca uma série de outras possibilidades para a escrita e seu contato com o legente. A passagem possui um campo semântico que dialoga diretamente com as noções já vistas ao longo do trabalho, como o ascender que traz a ascense como possibilidade de reflexão, a novidade que a futuração possibilita e o risco da ultrapassagem das quedas do texto, como a negação. Para a voz narradora, o texto tem abertura para:

3 Link disponível nas referências.

Afirmar, distinguir, elevar
quebrar os nós
desatar o afecto preso
romper o medo
inquirir
cuidar do humano
nada propor
que não tenha sido antes um risco assumido e vivido pelo
próprio rosto do texto. Criar lugares vibrantes a que se
possa ascender pelo ritmo, [...]” (LLANSOL, 2000, p. 25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a própria Llansol (LLANSOL *apud* FENATI, 2014) em registros de seu espólio, *Onde vais, drama-poesia?* é um “livro de fragmentos”, um livro cujas partes dão continuidade ao movimento de interrogação à escrita iniciado no título. Um texto de muitos tempos, lançado constantemente ao devir de uma certa futuração que acompanha o movimento de metamorfose das figuras. Mesmo sendo o texto sem promessa e garantias, como podemos ler em OVDP, temos a certeza de que “todos os seus legentes o ascendem” (LLANSOL, 2003, p. 10). Para que os legentes ascendam esse texto, torna-se necessário ultrapassar a parada ou ruptura causada pela negação, o que, como postulavam os sofistas, tem a ver com o “atravessar as palavras” de que trata Paul Zumthor (2018, p. 70-71) e estar em um corpo a corpo com a linguagem.

Pensamos, dessarte, que o ato de negar não produz o efeito de paralisar o texto ou seu leitor (muito menos suas figuras, como o legente); pelo contrário, pode ser um motivo para fazer algo, nas palavras de Wittgenstein (2017, p. 198). Um impulso para que acompanhemos a força pulsante e de montagem da escrita, e, afinal, empreendamos uma experiência imersiva de leitura em risco e abertura – a legência. E, no jogo com a construção imagético-textual e acional que encontramos no texto, podemos observar na escrevente uma postura “que se orienta pela quebra de fronteiras”, sendo, como denomina Maria Etelvina Santos (2014, p. 103), “de confronto/adequação”. O texto llansoliano, especificamente *Onde vais, drama-poesia?*, ao realizar a abertura para o indeterminado do devir, as quedas do silêncio sem grafia ou anunciado na cena de escrita, abre também seu universo de recepção. Nesta linha, Iser (1999, p. 126) considera que “As estruturas básicas da indeterminação no texto são duas: os

lugares vazios e as negações. Eles são essenciais para a comunicação porque põem em movimento e até certo ponto regulam a interação entre texto e leitor”.

REFERÊNCIAS

BARRENTO, João. O que é uma figura? In: _____. (Org). **O que é uma figura?** - diálogos sobre a obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação. Lisboa: Mariposa Azul, 2009.

LLANSOL, Maria Gabriela. “Carta ao legente”. Disponível em: <<https://fiodeaguadotexto.wordpress.com/2011/06/07/carta-ao-legente-2/>>. Acesso em: 10 de out. 2021.

LLANSOL, Maria Gabriela. “Carta de Llansol a Eduardo Prado Coelho”, em 25 de novembro de 1999. Disponível em: <<https://fiodeaguadotexto.wordpress.com/2011/10/31/carta-de-llansol-a-eduardo-prado-coelho/>>. Acesso em: 10 de out. 2021.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Entrevistas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LLANSOL, Maria Gabriela. **O começo de um livro é precioso**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

LLANSOL, Maria Gabriela. **Onde vais, Drama-Poesia?**. Lisboa: Relógio D’Água, 2000.

LOPES, Silvína Rodrigues. Poética do desprendimento. In: FENATI, Maria Carolina. (Org.). **Partilha do incomum**: leituras de Maria Gabriela Llansol. Florianópolis: Ed. UFSC, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?**. 3ed. 2 reimp. São Paulo: Ática, 2004.

SANTOS, Maria Etelvina. “Limiares do visível em Maria Gabriela Llansol”. In.: FENATI, Maria Carolina (Org.). **Partilha do incomum**: leituras de Maria Gabriela Llansol. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. 9 ed. 4 reimp. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Ed. Univ. São Francisco, 2017.

WOLFGANG, Iser. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. vol II. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura** . Trad. Jerusa P. Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.